

## RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Dando cumprimento aos preceitos legais e estatutários, vem o Conselho de Administração da **Ocidental - Companhia Portuguesa de Seguros de Vida, S.A.** submeter à apreciação da Assembleia Geral o Relatório e Contas referente ao exercício findo em 31 de Dezembro de 2008.

### 1. Enquadramento Geral da Actividade

#### *Enquadramento económico e financeiro*

##### **Economia Internacional**

Este ano fica definitivamente associado à propagação da crise do mercado de crédito hipotecário de alto risco norte-americano a demais segmentos de mercado, geografias e sectores económicos. A instabilidade financeira tornou-se denominador comum nos mercados e a degradação na actividade económica disseminou-se a países de elevado crescimento. A acção dos efeitos da globalização, mas em reverso, amplificou ajustamentos e precipitou a economia mundial num clima de incerteza e de aversão ao risco complexo e de difícil erradicação. O agravamento vertiginoso da conjuntura e o enraizar de um ciclo vicioso de reforço de estímulos negativos entre sector financeiro e actividade económica suscitou a intervenção coordenada de governos, bancos centrais e outros agentes económicos, através da adopção de políticas de estímulo à actividade e de suporte aos mercados financeiros sem precedentes que deverão começar a surtir efeitos ao longo do próximo ano. Contudo, não deverão evitar um ano de fraco crescimento económico mundial e de pressões desinflationistas, num entorno muito complexo e delicado no plano social, político e institucional.

Depois de vários anos de crescimento económico consistente a economia mundial enfrenta o risco de recessão e de deflação. As principais economias deverão registar uma contracção do PIB na ordem de 1% a 2%, em termos reais, em 2009 e as economias em desenvolvimento verão o seu contributo para o crescimento económico mundial substancialmente diminuído. Estima-se um aumento real do PIB mundial medíocre pelo padrão histórico. Num ambiente caracterizado pela redução da disponibilidade de fundos e de elevada aversão ao risco, economias mais dependentes dos fluxos de financiamento externo, na forma de investimento de carteira, investimento directo estrangeiro ou transferências públicas tenderão a apresentar uma maior dificuldade na sustentação dos ritmos de crescimento anteriores.

(variação em %)

#### **Crescimento real do PIB Desempenho e projecções**

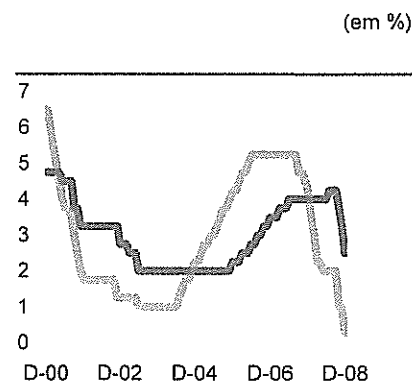
	2007	2008	2009
Ec. Mundial	5,00	3,70	2,20
Ec. Desenvolvidas	2,60	1,40	-0,03
EUA	2,00	1,40	-0,70
UEM	2,60	1,20	-0,50
Japão	2,10	0,50	-0,20
Ec. Desenvolvimento	8,00	6,60	5,10
China	11,90	9,70	8,50
India	9,30	7,80	6,30
Russia	8,10	6,80	3,50
Brasil	5,40	5,20	3,00

Fonte: FMI, actualização de Novembro

A política económica ao longo do quarto trimestre de 2008 adoptou uma postura de claro suporte à actividade económica, com intervenções directas em sectores mais vulneráveis. Findas as preocupações com as pressões inflacionistas e perante um ritmo de degradação intenso da actividade, os bancos centrais reduziram as taxas de juro de forma expressiva. No caso dos EUA e do Japão, para valores em torno de 0%, noutros países assumindo a possibilidade de seguir idêntico caminho ou, pelo menos, reduzir os níveis de taxas também de forma substancial. O deficiente funcionamento no mecanismo de transmissão monetária obrigou à adopção de políticas inovadoras. Enfrentando riscos sistémicos relevantes, e com o intuito de atenuar a fraca liquidez do mercado interbancário, os bancos centrais reformataram a sua actuação no âmbito, forma, prazos e montantes de cedência de liquidez e estenderam a sua intervenção a outros mercados, incluindo a aquisição directa de títulos de dívida de prazo mais longo e emissão monetária alargada. A crescente integração dos mercados financeiros exigiu uma maior coordenação nas medidas tomadas e a implementação de mecanismos de apoio transnacionais, quer na disponibilização de liquidez em moeda estrangeira quer na ajuda financeira directa para fins de estabilização macroeconómica em alguns países europeus e asiáticos.

### Reduções agressivas nas taxas de juro

**Evolução das taxas directoras nos EUA (Fed Funds target) e na área do euro (taxa de refinanciamento principal)**



Fonte: Datastream

--- Fed Funds Target

— Taxa de Refinanciamento Principal

### Recessão no final de 2008, riscos para 2009 e esperanças para 2010

Os últimos meses de 2008 registaram um dos períodos de maior instabilidade dos mercados financeiros das últimas décadas, acompanhado por uma sincronização invulgar no grau de arrefecimento, acentuado, da actividade económica na generalidade dos países, com particular acuidade no comércio mundial. Perante a instantaneidade destes movimentos, o ajustamento nos planos de produção e a concomitante revisão de estratégias de negócio deverão acentuar-se ao longo dos primeiros meses de 2009, com repercussão negativa nos níveis de emprego, limitando no imediato uma melhoria da conjuntura. A actuação de estabilizadores automáticos, como a retracção no preço das matérias primas, a redução agressiva das taxas de juro e as medidas de intervenção directa em sectores económicos mais debilitados deverão contribuir para uma retoma económica e para a normalização do comportamento dos mercados financeiros a prazo, mas não são isentas de risco e com desafios importantes e invulgares na retoma do público pelo privado. Um enquadramento de débil crescimento económico, relativamente disseminado e com risco de agravamento apresenta-se propício à intensificação da concorrência e, eventualmente, à ocorrência frequente de fricções geo-políticas, dado o apelo a uma maior intervenção do Estado nas economias. Nestas circunstâncias, o comércio externo, a política cambial, ajudas ao desenvolvimento poderão retomar um estatuto proeminente na ordem económica e política mundial.

*[Handwritten signature]*

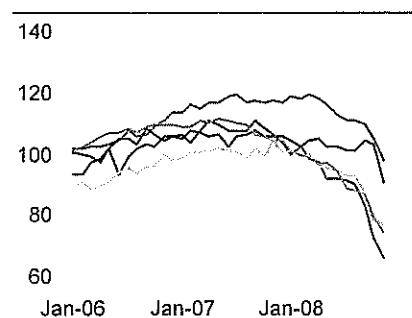
## Debilidade das Economias Europeias

As principais economias europeias apresentaram um abrandamento muito pronunciado no final do Verão, à medida que se intensificou a quebra nos fluxos de comércio mundial e se agravaram as condições financeiras nos mercados internacionais. As condições económicas no final de 2008, aferidas pelos indicadores de conjuntura, regrediram para níveis de há 20 anos. Ao mesmo tempo, os indicadores de inflação, contemporâneos e prospectivos, evidenciaram uma alteração dos riscos para a estabilidade dos preços de sentido contrário. Nestas condições, o Banco Central Europeu inverteu a estratégia, procedendo a várias reduções nas taxas directoras, de 4,25% em Julho para 2,5% no final do ano, tendência que se espera se mantenha no primeiro semestre. Para 2009, a procura interna apresenta limitações relevantes de crescimento: o receio de desemprego ameaça o consumo, a incerteza atenua a propensão para o investimento, os mercados exportadores apresentam-se fragilizados e a concorrência intensifica-se. Com um sector privado condicionado na capacidade de resposta, o impulso do crescimento reside na evolução dos gastos e investimento públicos, conforme os planos de estímulo negociados, em função da folga financeira disponível em cada estado membro.

(em %)

### Retração repentina na actividade económica nas economias domésticas europeias

índices de Sentimento Económico da Comissão Europeia



Fonte: Datastream

— Polónia — Grécia  
— Roménia — Portugal  
— Área do Euro

As economias domésticas foram afectadas negativamente pela conjuntura global desfavorável, com efeitos indirectos no nível de procura externa dirigida às empresas, e pela maior restritividade nas condições financeiras enfrentadas, contexto ampliado pelas debilidades económicas estruturais de alguns destes países: em Portugal e na Grécia, dificultando o financiamento regular dos elevados défices externos; nas economias da Europa de Leste pela reversão das estratégias de investimento de carteira de curto prazo; nas economias africanas pela alteração nas condições favoráveis presentes nos últimos anos nos mercados das matérias-primas.

### A Economia Portuguesa

A economia portuguesa terá registado um fraco crescimento em 2008, com o PIB praticamente a estagnar, em termos reais, face ao ano anterior. O crescimento tem-se apresentado muito dependente do impulso e das condições externas, decorrente dos níveis de endividamento elevados do sector privado, da folga orçamental reduzida e da elevada dependência energética do exterior. Os ganhos de competitividade obtidos nos últimos anos são pouco expressivos para contrariar a quebra da procura externa, apesar do esforço de diversificação das exportações, quer em termos de mercados de destino quer na composição dos bens e dos serviços exportados. Deste modo, a capacidade para desenvolver um processo de retoma económica autónomo

Deste modo, a capacidade para desenvolver um processo de retoma económica autónoma afigura-se limitado. Em contrapartida, a exposição directa a instrumentos financeiros complexos é reduzida e o crescimento económico, apesar de fraco, foi relativamente diversificado em termos sectoriais, pelo que o risco de sofrer um ajustamento específico é menor do que o enfrentado por outros países.

**Crescimento real do PIB  
Desempenho e projecções**

	2008	2009	2010
EU27	1,40	0,20	1,10
Portugal	0,50	0,10	0,70
Polónia	5,40	3,80	4,20
Grécia	3,10	2,50	2,60
Roménia	8,50	4,70	5,00
Turquia	3,40	2,70	3,90
África Subsariana	5,40	4,60	5,80
Moçambique	6,00	6,30	6,40
Angola	15,80	11,10	11,30

Fonte:  
Comissão Europeia e Banco Mundial, actualização de  
Novembro

O cenário mais provável será de uma recessão, em linha com o desempenho médio esperado para a Área do Euro. O principal risco advém da capacidade do sistema financeiro manter o nível de captação de fundos no exterior para colmatar a insuficiência da poupança interna, por forma a suavizar a incontornável transição para um regime mais equilibrado em termos do financiamento do consumo e do investimento domésticos. À semelhança da Área do Euro, as pressões inflacionistas deverão ser moderadas ao longo de 2009, reflectindo em simultâneo os menores preços da energia e um contexto de ampla folga produtiva, vertido na manutenção de taxas de desemprego relativamente elevadas.

***Enquadramento do Sector Segurador em Portugal***

O volume de prémios de seguro directo do mercado português em 2008 revelou um crescimento significativo relativamente ao ano anterior, cresceu mais de 12% e ascendeu a 15 mil milhões de euros, o equivalente a 9,1% do PIB português.

Este rácio, em relação ao PIB, que exprime a penetração da actividade seguradora na economia, alcançou mesmo o maior valor de sempre, superando o nível médio da União Europeia, que em 2007 se cifrava em 8,7%.

**Prémios de Seguro Directo (Milhões de euros)**

Ramos	2008	2007	2006	2005	Var. 08/07	Var. 07/06	Var. 06/05
Vida	11.011,7	9.369,3	8.761,5	9.136,3	17,5%	6,9%	-4,1%
Não-Vida	4.323,8	4.381,6	4.361,3	4.307,9	-1,3%	0,5%	1,2%
<b>Total</b>	<b>15.335,5</b>	<b>13.750,9</b>	<b>13.122,9</b>	<b>13.444,2</b>	<b>11,5%</b>	<b>4,8%</b>	<b>-2,4%</b>

Fonte: Associação Portuguesa de Seguradores.

O volume de negócios do sector segurador foi, uma vez mais, impulsionado pela expansão de cerca de 18% no segmento Vida, onde o total dos prémios atingiu os 11 mil milhões de euros. Para esta evolução, pesaram muito positivamente os produtos PPR, cujos prémios ou contribuições aumentaram 45% (para perto de 2,5 mil milhões de euros).

Em sentido inverso ao do ramo Vida, evoluiu o volume dos prémios dos ramos Não Vida que atingiu 4,3 mil milhões de euros, caindo mais de 1%, com forte influência dos seus dois maiores ramos, Automóvel e Acidentes de Trabalho, que apresentaram mesmo evoluções negativas. Ambos condicionados pela fraca performance da nossa economia e por uma intensa concorrência entre os operadores deste sector de actividade.

Relativamente aos custos com sinistros de seguro directo Não Vida, registou-se até ao final do terceiro trimestre do ano, um crescimento de cerca de 2%, fruto de uma ligeira aceleração dos montantes pagos e de um decréscimo da variação da provisão para sinistros. O correspondente impacto na taxa de sinistralidade líquida de resseguro, do segmento Não Vida foi um agravamento de 0,8 pontos percentuais até Setembro de 2008.

O ano de 2008 veio reforçar a tendência registada em 2007 aumentando o grau de concentração no mercado segurador nacional, sendo que os cinco maiores grupos seguradores foram responsáveis por cerca de 74% dos prémios emitidos, o que compara com os 69% registados no final de 2007.

### ***Análise do Ramo Vida***

O segmento intensificou o ritmo de crescimento já verificado no ano anterior, conseguindo no final de 2008 atingir um peso relativo de cerca de 72% do total de prémios de seguro directo do mercado português.

Muito embora todos os ramos tenham registado crescimentos assinaláveis nos prémios de seguro directo, o ritmo de crescimento a que se assistiu nos produtos PPR, indicia claramente algumas mudanças de atitude da população portuguesa:

- existe uma maior consciencialização de que a reforma atribuída pela Segurança Social não é suficiente para assegurar os padrões de rendimento e o nível de vida equivalentes aos do período de vida activa;
- a prudência aplicada à gestão das seguradoras é percebida pela população inspirando-lhe credibilidade e confiança.

A contribuir para a expansão dos produtos PPR esteve também a série sucessiva de acontecimentos que marcou 2008, que superou, pela sua dimensão, as expectativas da generalidade dos agentes económicos atingindo de forma particularmente gravosa o sector financeiro e estendendo-se progressivamente a todos os países e sectores de actividade. Num contexto de adversidade, o contrato de seguro PPR torna-se percebido como uma boa opção de investimento, aliando as garantias de estabilidade e segurança oferecidas, ao facto de não retirar a quem por eles opta, o poder de dispor do seu património.

Excepcionais foram também os crescimentos verificados ao nível dos produtos de capitalização na ordem dos 11% e nos produtos tradicionais (Risco e Rendas) que acentuaram a tendência de crescimento registada em 2008, para cerca de 14%.



**Prémios de Seguro Directo** (Milhões de euros)

Ramos	2008	2007	2006	2005	Var. 08/07	Var. 07/06	Var. 06/05
Produtos de Capitalização	7.597,2	6.835,1	6.009,3	6.673,3	11,1%	13,7%	-9,9%
Planos Poupança Reforma	2.465,0	1.698,2	1.961,3	1.714,2	45,2%	-13,4%	14,4%
Risco e Rendas	949,5	835,9	791,0	748,9	13,6%	5,7%	5,6%
<b>Total</b>	<b>11.011,7</b>	<b>9.369,3</b>	<b>8.761,5</b>	<b>9.136,3</b>	<b>17,5%</b>	<b>6,9%</b>	<b>-4,1%</b>

Fonte: Associação Portuguesa de Seguradores.

Manteve-se a tendência de concentração registada nos últimos anos em torno dos cinco principais operadores do mercado nacional. De facto, os cinco principais grupos seguradores que representavam cerca de 81% do total do mercado segurador de Vida em 2007, representam já em 2008, 86% do mesmo mercado.

## 2. Síntese Global da Actividade da Ocidental Vida Companhia Portuguesa de Seguros de Vida, S.A.

Dependendo da perspectiva, 2008 tem sido descrito como o pior ano em termos económicos desde a Segunda Guerra Mundial, ou desde a Grande Depressão dos anos 30 do século passado. A turbulência que teve início no sector bancário nos Estados Unidos afectou os mercados financeiros e rapidamente se espalhou a nível mundial, tendo-se tornado numa crise económica que já se confirmou como sendo uma recessão global, e que se poderá tornar numa depressão em alguns dos países mais desenvolvidos.

Mesmo neste ambiente económico negativo, a Ocidental Vida conseguiu aumentar o volume de prémios, ultrapassando o desempenho do mercado. A receita total (incluindo Unit Linked) cresceu 29%, que compara com os 17% de crescimento do mercado.

O ano de 2008 foi marcado por volumes históricos em produtos de investimento, uma linha de negócio onde a Millenniumbcp Fortis tem uma oferta vasta e equilibrada. A Companhia, com base nas suas reconhecidas capacidades de inovação, tem vindo a apresentar soluções de produto que se adequam permanentemente às condições de mercado.

Novamente sem campanhas de visibilidade nos *media* ou nas Sucursais do Millennium bcp, os produtos de Unit-Linked demonstraram um dinamismo comercial notável. Esta linha de negócio atingiu o maior registo de vendas de sempre, com um volume de 1.235 milhões de euros, e um aumento de 44% em relação a 2007. Os factores chave de sucesso foram a inovação de produto/mercado, a abordagem segmentada, a competitividade de produto assegurada pelas melhores condições disponíveis (sempre com uma margem sustentada), a entrega nas vendas (com o compromisso Banco/Seguradora em objectivos comerciais) e, este ano novamente, retenção da carteira.

Efectivamente, durante o exercício em análise, foram lançados diversos novos produtos, com a Companhia a oferecer uma ampla gama de soluções, adaptáveis ao perfil de risco e às expectativas de retorno de todos os segmentos de Clientes do Millennium bcp, incluindo no Private Banking. Beneficiando de um *time-to-market* de novos produtos de apenas 3 dias, desde a ideia inicial até à comercialização, a Companhia conseguiu assegurar um fornecimento contínuo de soluções, adequadas às condições do mercado ao longo de todo o ano e oferecendo séries especiais e soluções de investimento à medida de clientes com necessidades específicas.

No que respeita a PPR, o crescimento relativamente a 2007 foi de 108%, com a Companhia a registar o melhor ano de sempre, mais que duplicando o crescimento de mercado (44%). A evolução de volume do PPR derivou de uma concentração permanente em entregar resultados ao

longo de todo o ano, de um crescimento de 20% nos prémios regulares e do extraordinário sucesso do *SEI – Solução Especial Investimento*, especialmente concebido para as necessidades de um segmento específico de clientes, conseguindo um volume por si só de 220 milhões de euros.

A atractividade da oferta do produto de Unit Linked e PPR também se reflectiu na taxa de reinvestimento, com 6 em cada 10 clientes a escolherem produtos da Companhia, a maioria deles após 8 anos de permanência, para investir por igual período.

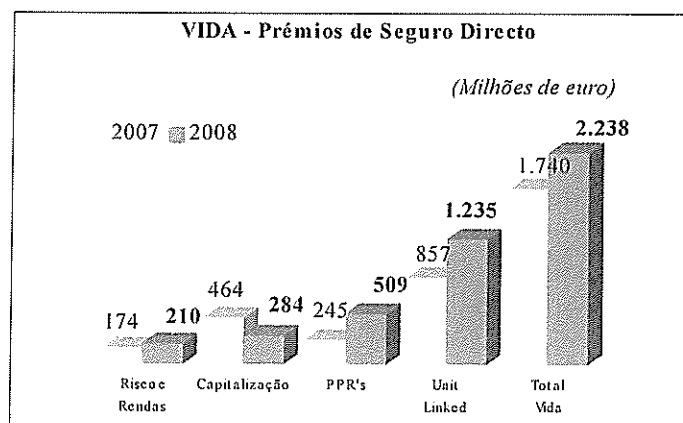
O desempenho do PPR e Unit Linked compensou o abrandamento nos volumes de Capitalização, com um decréscimo de 39% relativamente ao último ano, apesar da amplitude da oferta, com produtos estrela como o *Poupança 125 & Poupança 115* (8 e 5 anos de prazo, respectivamente), tendo a sua própria atractividade comercial sido ensombrada pelo Unit-Linked. O recém lançado *Jovem Aforro*, um produto direccionado para poupanças regulares garantindo as futuras necessidades dos filhos ou netos dos Clientes, veio mudar o perfil desta linha de negócio, aumentando os prémios regulares em 30%.

Nos produtos de investimento, a penetração nos fundos dos Clientes aumentou 1,2pp, de 25,1% para 26,3%.

No que respeita a produtos de Risco de Venda Associada, as taxas de penetração, já ao nível das melhores práticas europeias, conseguiram registar um crescimento sustentado, compensando parcialmente o decréscimo de volume dos produtos bancários (especialmente crédito habitação), afectados pelas restrições ao crédito, aumento de *pricing* e ambiente económico recessivo.

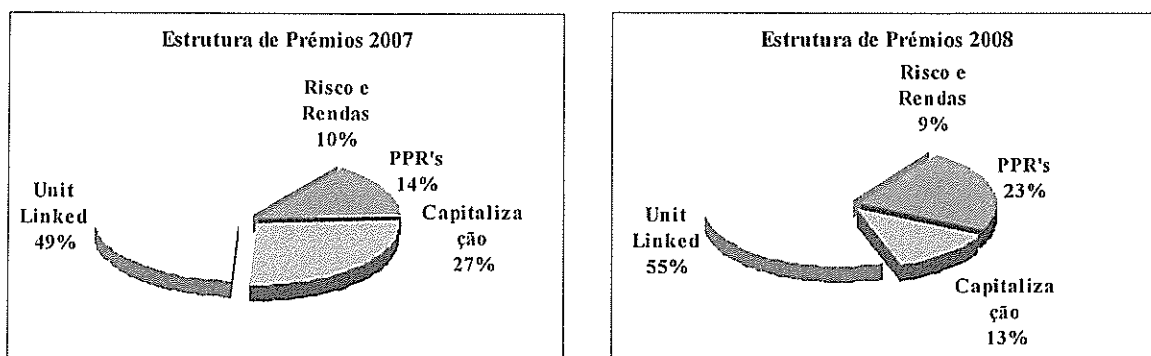
Apesar do abrandamento de volume, os indicadores de negócio foram muito positivos: o prémio médio cresceu como consequência directa do aumento dos montantes financiados no Crédito Habitação assim como da duração dos contratos de crédito pessoal, e as taxas de penetração mantiveram-se ao nível das melhores práticas europeias, com processos alinhados e foco comercial que levaram a uma subida de 0,2pp para 99% em Vida Crédito Pessoal, e de 90,9% em Vida Crédito habitação (+1,8pp).

Em produtos de Venda Activa, o foco nos pilares estratégicos de inovação de produto-mercado e da distribuição multi-canal continuou a produzir resultados bem visíveis. A venda activa de Vida Risco aumentou 40% e o prémio médio 3%.



No que respeita à estrutura dos prémios em 2008 verificaram-se crescimentos nos produtos do tipo Unit Linked (de 49% em 2007 para 55% em 2008) e em PPR's (de 14% em 2007 para 23% em 2008), tendo os restantes ramos perdido peso comparativamente com o ano anterior. Apesar

do forte crescimento das vendas de Unit-Linked, o elevado volume de vencimentos ocorrido em 2008 evitou um crescimento significativo das apólices em vigor do ramo.



O número total de apólices em vigor ascendia em, 31 de Dezembro de 2008, a 1.504 milhares representando um acréscimo de 3,7% face às 1.451 mil em vigor em Dezembro de 2007. Verificou-se um crescimento em todos os ramos, com especial destaque para Capitalização com um crescimento de 11% e PPR com um incremento de 6%.

### *Síntese da evolução económico-financeira*

O **resultado técnico** do ramo Vida situou-se em 2008 nos 38.840 milhares de euros, fortemente penalizada pelo impacto negativo das perdas decorrentes da crise financeira. Excluindo este efeito, o resultado técnico teria atingido 163.729 milhões de euros, o que representa um crescimento de 31% face ao período homólogo de 2007.

Tal como referido anteriormente, a crise que se fez sentir nos mercados financeiros, em especial na segunda metade do ano, condicionou fortemente a componente financeira do negócio, reflectindo-se negativamente na evolução dos resultados.

O maior contributo relativo para o resultado da companhia continua a ser proporcionado pelos produtos de Risco, cuja rentabilidade se baseia em políticas e práticas de subscrição rigorosas e uma superior capacidade de controlo de custos.

Apesar da conjuntura económica é ainda de destacar o contributo fortemente positivo para o resultado registado pelos produtos *Unit-Linked* com um crescimento de 34% face a 2007.

A obtenção de um rácio de despesas de 0,85%, aliado a um crescimento significativo da margem técnica, se excluirmos o impacto extraordinário da função financeira, revelam a gestão criteriosa e adequada que permitiu minimizar os efeitos adversos dos mercados de capitais.

Os **custos e gastos por natureza a imputar**, por seu lado, atingiram os 43.318 milhares de euro, evidenciando um aumento de 24% face ao período homólogo, explicado sobretudo pelo acréscimo de despesas financeiras associadas ao forte crescimento da margem dos Unit Linked.

A evolução desfavorável da margem financeira justifica o decréscimo de 62% nos **resultados antes de impostos**, que atingiram em 2008 os 51.286 milhares de euros (134.971 milhares de euros em 2007). O **resultado líquido** após impostos cifrou-se em 37.958 milhares de euros.

Ao nível da situação patrimonial é de referir que o **activo líquido** atingiu os 10.633.287 milhares de euros, o que resulta num acréscimo de 6% em relação ao ano anterior.

*[Assinatura]*



A **situação líquida** da Ocidental Vida situou-se nos 424.043 milhares de euros, ou seja um acréscimo de 20% em relação ao ano anterior, a que corresponde um **rácio de solvência** de 191,7%.

### 3. Proposta de Aplicação de Resultados

O resultado líquido de impostos da Ocidental – Companhia Portuguesa de Seguros de Vida, S.A. foi de euros 37.957.657,28 (trinta e sete milhões novecentos e cinquenta e sete mil seiscientos e cinquenta e sete euros e vinte e oito cêntimos) considerando o que consta do relatório do Conselho de Administração e nos termos da alínea b) do nº 1 do artigo 376º do Código das Sociedades Comerciais, propõe-se a seguinte aplicação:

- Euros 37.957.657,28 (trinta e sete milhões novecentos e cinquenta e sete mil seiscientos e cinquenta e sete euros e vinte e oito cêntimos), para resultados transitados.

### 4. Perspectivas para 2009

Manter o esforço de venda de produtos financeiros, por forma a assegurar níveis sustentados de penetração na base de Clientes do Millennium bcp, assim como a manutenção de margens sustentadas, são o principal desafio para o exercício de 2009. Tendo presente que o volume de provisões matemáticas de balanço ultrapassa já os 9 mil milhões de euros, as oportunidades de crescimento passam por uma ainda mais apurada segmentação de Clientes, que exigirá uma grande enfoque na construção e comercialização de soluções de produto inovadoras e orientadas para os perfis de risco e expectativas de retorno dos diversos segmentos.

Naturalmente que ao esforço de inovação corresponderá, como nos exercícios anteriores, um forte investimento na melhoria da qualidade do serviço prestado aos Clientes externos e internos, através do desenvolvimento de processos robustos e inovadores, e do empenho de uma equipa de colaboradores profissional e fortemente motivada, que incorpora na actividade diária os valores essenciais da excelência operativa, da eficiência operacional e da orientação para o Cliente.

### Referências

O Conselho de Administração expressa o seu agradecimento a todos aqueles que contribuíram para os resultados alcançados:

- Aos Clientes pela confiança que continuaram a demonstrar.
- Às Redes Bancárias pela forte motivação comercial manifestada.
- Aos Colaboradores que, com entusiasmo, participaram com a sua contribuição e esforço.
- Ao Instituto de Seguros de Portugal e à Associação Portuguesa de Seguradores pelo empenho que sempre demonstraram no desenvolvimento das Seguradoras.
- Aos Senhores Accionistas pela compreensão, apoio e confiança sempre manifestados.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 2009.

O Conselho de Administração,

